

O Patronato Agrícola Wenceslau Braz

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

Em Caxambu, o Serviço de Assistência a Menores, órgão do Ministério da Justiça, mantém o Patronato Agrícola Wenceslau Braz que visitamos em dezembro último. Vamos descrevê-lo, tomando, antes, o tempo e a atenção do leitor com algumas observações sobre a graciosa cidade mineira na época do veraneio. Depois, então, entraremos no assunto exato desta reportagem.

*
* *

Caxambu não recebe só veranistas, pessoas que procuram fugir às torturas do calor, ao atropêlo dos grandes centros de vida intensa e trabalhosa; ou acolhe doentes do fígado ou dos rins, que ali afluem à procura de melhoras ou cura definitiva com as afamadas águas termais do lugar. Recebe, ainda, outros doentes, vítimas de males que a pobreza e a miséria são hábeis em proporcionar, através da subnutrição, do alcoolismo, da sífilis, etc. E esses doentes são meninos ainda, desvalidos e transviados, que depois ali conseguem, aos poucos, melhorar, crescer, transformar-se, tornando-se saudáveis e úteis à sociedade.

Mas deixe-nos, caro leitor, conversar um pouco sobre as delícias de Caxambu. Agrada-nos, mesmo ao tratar dos assuntos mais sérios e áridos, precedê-los sempre de inocentes frivolidades, à guisa de introdução, embora com sacrifício, muitas vezes, do ajustamento e equilíbrio da matéria.

*
* *

Voltemos aos aquáticos, aos veranistas que permanecem em Caxambu pouco tempo — 21 dias geralmente — até que se sintam bem compensados do esforço feito em penosa viagem, em busca da pitoresca cidadezinha mineira. Do esforço feito e também das despesas realizadas. Depois, o regresso pelo trenzinho da Rêde Mineira não é brincadeira! Concorre, sem dúvida, para rapidamente desmanchar aquêlo estado de euforia que o veranista ex-

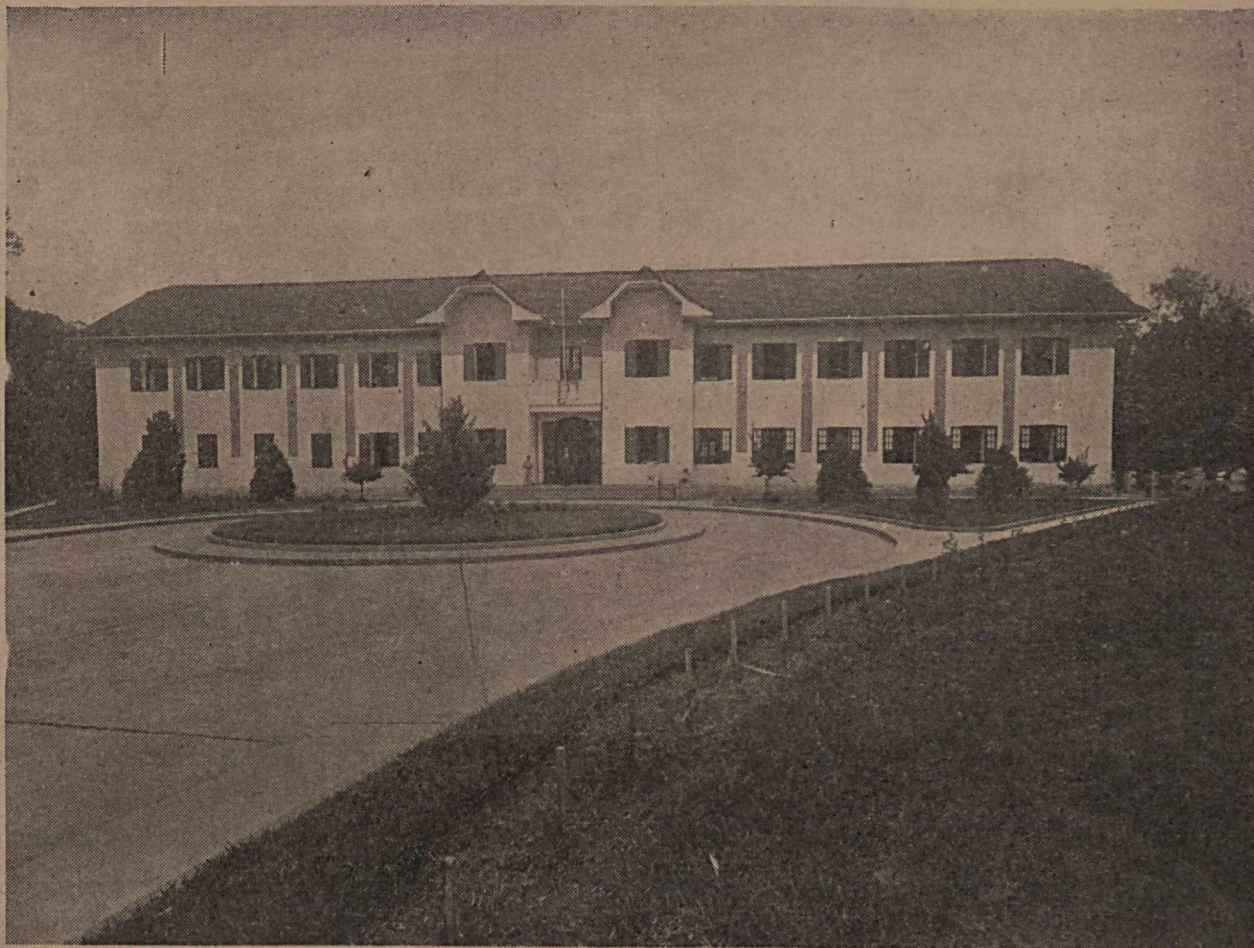
perimentou com as delícias de uma vidinha descansada em clima suave, em meio de gente amável, a do lugar e a de fora — sobretudo desta, geralmente alegre, comunicativa, satisfeita por sentir-se longe, bem longe da trabalhadeira exaustiva do ano inteiro ou farta de excessos e prazeres. E o bom humor, a alegria de viver, estabelece mais aproximação, torna a gente afável, cordial, comunicativa. No Parque das Águas, em Caxambu, gostamos de observar os velhos a ouv'r o arrastar da valsa "Sobre as ondãs" no rádio àquela horazinha certa, antes do almoço ou do jantar. Que prazer ouvir a "Viúva Alegre" ou o "Conde de Luxemburgo" em discos arranhados e velhos! E as recordações dos bons tempos, que não voltam mais, enternecem e confortam-nos, a nós velhos pachorrentos e sentimentais... Os moços preferem a piscina, onde jovens esbeltas e estudantes de vida e alegria revelam os encantos que o bom Deus lhes proporcionou. Afinal, em tudo, a inocência, a graça generosa da natureza!

*
* *

Aos domingos o Parque das Águas movimenta-se mais, com outros visitantes, que em grupos numerosos correm para os balanços, acercam-se do rink de patinação ou vão observar de perto, com olhos muito compridos aquelas criaturas desenvoltas, vistosas e atraentes, que se atiram à piscina só para encher-nos a vista, mostrar-nos que sabem viver a vida bem vivida... Como são felizes!

Mas este ano não vimos mais, aos domingos, correndo para os balanços, acercando-se do rink ou "assuntando" as banhistas na piscina, os visitantes domingueiros do Parque.

Não sabemos porque lhes foi vedada a entrada e não apareceram mais! Esses visitantes, os meninos do Patronato Wenceslaw Braz deixaram de ter seu lindo e rico passeio de semana. E, agora é de vê-los esgueirar-se junto ao gradil do Parque e



Sede do Patronato, precedida de belo e vistoso jardim.

olhar de longe outras crianças mais felizes, que lá dentro voam nos balanços, deslizam nos patins ou correm à vontade pelas belas aléias do parque!

*
* *

Os alunos do Patronato, todos de aparência modesta, a revelar procedência humilde, são do Rio de Janeiro, de seus bairros pobres, das miseráveis favelas. Metidos em uniforme kaki e bem calçados despertam-nos atenção simpática e mesmo confiança. Andam em pequenos grupos pela cidade, alegres e satisfeitos, sem aborrecer ou incomodar ninguém.

*
* *

Em Caxambu fica-se exausto de tanta vadiação. Não seria demais que se obrigasse o veranista a trabalhar um pouco, fazer alguma coisa enfim, de útil, proveitoso e recreativo para si mesmo, além

da voltazinha costumeira pelos fundos do parque nos limites da Fonte Mayrink com o bosque, ou dos passeios à chácara das uvas e à dos pêssegos nos arredores da cidade.

Quanto a nós, no fim de uma semana de inércia, começamos a pensar no assunto que, de volta ao Rio, teríamos de focalizar em reportagem para a *Revista do Serviço Público*.

*
* *

Há três anos precisamente, pois foi em fevereiro de 1943, havíamos escrito longa reportagem para esta revista sobre a organização e as atividades, no Rio, do Serviço de Assistência e Menores, cuja sede, à rua S. Crístóvão n.º 482, visitamos demonstradamente, conforme escrevemos então.

Faltava-nos ver de perto a organização de um dos internatos do interior e saber como neles são tratados os garotos que são enviados pela direção

daquele Serviço para educação e recuperação de saúde. Daí, pois, nos ocorrer a idéia de fazer alguma coisa em Caxambu, aproveitando melhor um pouco o excesso de tempo de que lá dispunhamos.

A SEDE DO PATRONATO

Um dia subíamos a graciosa colina onde se eleva a igreja de Santa Izabel, quase no coração da cidade que ela assinala de forma expressiva e atraente.

Do alto a vista alonga-se pelo casario, onde os blocos dos grandes hotéis se destacam pesadamente com seus extensos telhados, em contraste com os das pequenas casas residenciais e de negócio que, da baixada, sobem aos morros fronteiros, em linhas paralelas até lá em cima. Caxambu é toda bem traçada, como se fôsse riscada por moderno urbanista.

O mercadinho situado no limite da cidade com a rural, e a linha da Rêde Mineira, zona bem longe da vista da gente, esconde-se cautelosamente atrás dos morros, não permitindo que os seus trezinchos perturbem o silêncio da cidade.

Junto da colina assinalada pela igreja de Santa Isabel encontra-se a sede do Patronato Agrícola Wenceslau Braz, precedida da residência do diretor e de larga entrada cimentada atravessando vistoso jardim.

HISTÓRICO

O Patronato Agrícola Wenceslau Braz, criado por Decreto n.º 13.070, de 15 de junho de 1918, foi instalado no dia 14 de novembro do mesmo ano, estando situado em terras que noutros tempos formavam a "Chácara Mayrink", e oriundas da antiga "Fazenda do Jacaré". Dispõe de uma área de pouco mais de 28 hectares ou sejam 281.748 m² adquirida em 1918, com todas as benfeitorias, pelo Governo Federal, a Manuel Teodoro, pela quantia de Cr\$ 40.000,00. Sua localização é no perímetro urbano da cidade de Caxambu a 1.190 metros da Estação da Rêde Mineira de Viação e 900 metros de altitude. Inicialmente sob a direção do Ministério da Agricultura, passou depois à jurisdição do Ministério da Justiça pelo Decreto n.º 24.115, de 12 de abril de 1934. O Decreto n.º 3.799, de 5 de novembro de 1941, veio integrá-lo no Serviço de Assistência a Menores.

NO GABINETE DO DIRETOR DO PATRONATO

Dirige o Patronato o Sr. Adamastor Pimenta, que nos recebeu em seu gabinete de trabalho. Dissemos-lhe de nosso desejo de visitar a casa e ver como ali vivem os meninos que abriga.

— Pois não! Aliás, costumamos receber aqui a visita de um ou outro veranista interessado em conhecer as nossas instalações e as atividades do Patronato.

Um aluno, perto da mesa do diretor, folheia um livro de gravuras. Talvez esteja ali de castigo...

Observando que nos interessávamos pelo merino diz-nos o diretor baixinho:

— Este é meu secretário, o João Galdino, menino bem inteligente. Como ele, o Julito Portugal, muito aplicado também, serve como secretário meu.

Observamos o geitinho do João Galdino: estava ele muito compenetrado da elevada função de secretário...

E o Sr. Adamastor Pimenta acrescenta:

— Tenho o cuidado de não deixar que os meus secretários se compenetrem de mais de suas funções. Isso naturalmente lhes seria prejudicial. É possível que faça mesmo um rodísio entre os melhores alunos para o desempenho dêsse cargo.

Como em todo gabinete de diretor de serviço na administração brasileira, ali também naquele há retratos de nossos maiores. E, às vezes, é tal a profusão de fotografias e quadros a óleo com que se enfeitam esses gabinetes que nos dão impressão de ateliers fotográficos ou "salões" de belas artes em miniatura...

Vocês conhecem a galeria do Ministério da Viação? E a da Central do Brasil? Estão assim de retratos! Afinal não há nenhum inconveniente nisso. E, às vezes, essas galerias ilustram a gente. Ora, se ilustram! Na Sala de Leitura do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ali no Silogeu, encontra-se uma galeria assim formada com os retratos dos governantes do Brasil, desde D. João VI até o Sr. Getúlio Vargas. Gostamos de vê-la. Não tínhamos muita certeza na sucessão de alguns deles, sobretudo no início de nossa independência política. A título de curiosidade, registramos essa sucessão, conforme os retratos expostos, na reportagem de agosto de 1943 sob o título *O Instituto*

Histórico e Geográfico Brasileiro. E essa lição ilustrada de história tem realmente seu quê de interessante e vamos reproduzi-la aqui. Os garotos do Patronato Agrícola Wenceslau Braz, se por acaso lerem esta reportagem, já ficam sabendo mais alguma coisa, além daquelas muito interessantes que o Sr. Adamastor Pimenta lhes ensina. E's, portanto, a relação de nossos chefes do govêrno, que só pode estar muito certa. Foi como dissemos organizada pelo conspícuo e venerável Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

1 — D. João VI, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

2 — D. Pedro I, imperador do Brasil.

3 — José Joaquim Carneiro de Campos, marquês de Caravelas, regente provisório.

4 — Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, regente provisório.

5 — José da Costa Carvalho, regente permanente.

6 — General Francisco de Lima e Silva, regente provisório e permanente.

7 — João Bráulio Moniz, regente permanente.

8 — Padre Diogo Antônio Feijó, regente.

9 — Pedro de Araújo Lima, regente.

10 — D. Pedro II.

11 — Princeza Isabel, regente.

12 — Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do Govêrno Provisório.

13 — Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República.

14 — Dr. Prudente José de Moraes Barros.

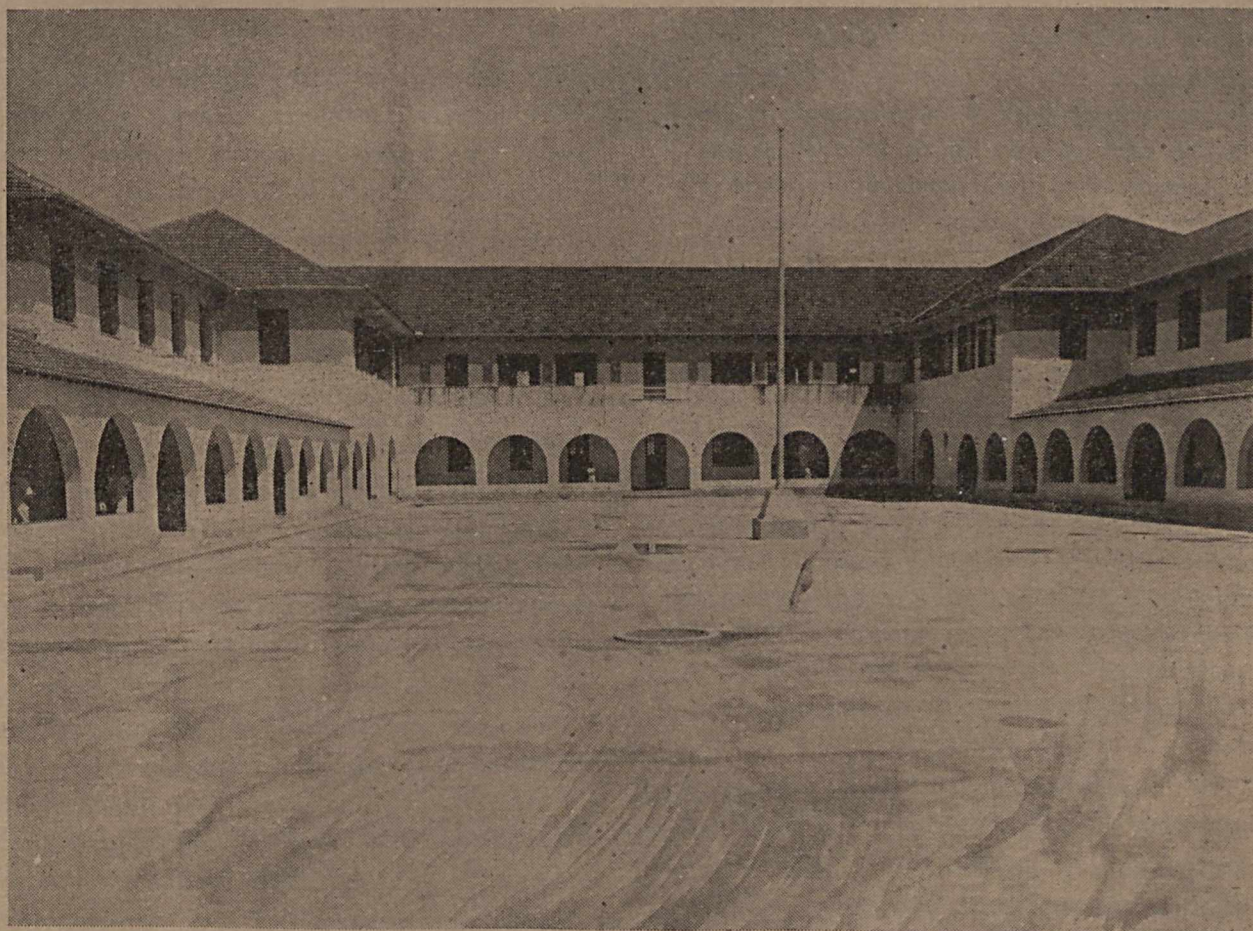
15 — Dr. Manuel Victorino Pereira.

16 — Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles.

17 — Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva.

18 — Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

19 — Dr. Afonso Augusto Moreira Pena.



O grande pátio interno do Patronato, para o qual deitam as quatro alas do edifício e nas quais funcionam as secções de assistência médica, ensino primário, administração, dormitórios, salão de festas, biblioteca, etc.

20 — Dr. Nilo Peçanha.

21 — Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

22 — Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes.

23 — Dr. Urbano Santos da Costa Araújo.

24 — Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro.

25 — Dr. Eptácio da Silva Pessoa.

26 — Dr. Artur da Silva Bernardes.

27 — Dr. Washington Luiz Pereira de Sousa.

28 — Junta Governativa formada pelos Senhores Generais Augusto Tasso Fragoso, João de Deus Menna Barreto e Contra Almirante José Isaías de Noronha.

29 — Dr. Getúlio Dornelles Vargas.

A galeria do Patronato é pequena. Nela figuram os presidentes da República, que mais se interessaram pela assistência a menores desvalidos e transviados, e magistrados e administradores que trabalharam ou vêm trabalhando por essa mesma assistência. Infelizmente não são muitos. Justo, portanto, que sejam eles sempre lembrados aos pobres meninos que são agasalhados carinhosamente naquela casa, ali recebem constante assistência médica, instrução primária e pre-vocacional, praticam saudáveis esportes e no fim de tudo isto voltam à comunhão social já quase homens, com outros princípios, outra educação, outra visão da vida.

Então vamos oferecer ao leitor a relação de nomes das figuras ilustres homenageados pela direção do Patronato.

Presidentes Wenceslau Braz e Getúlio Vargas; Dr. Pereira Lima, ministro da Agricultura, em cuja administração foi inaugurado o Patronato, a 14 de novembro de 1918, véspera do término do mandato do Presidente Wenceslau Braz; Dr. Leon Renault, primeiro diretor do estabelecimento; Dr. Raul de Sá, que muito trabalhou pela criação do Patronato, e, finalmente, o retrato do desembargador Sabóia Lima, homenagem do Instituto Brasileiro de Cultura em cooperação com o Serviço de Assistência a Menores.

Lemos o seguinte ao lado do retrato do Dr. Sabóia Lima:

“Homenagem do Instituto Brasileiro de Cultura ao desembargador Augusto Sabóia Lima pelo muito que fez em favor da infância desvalida do Distrito Federal, como juiz de Menores”.

Em seguida esta frase de Sabóia Lima:

“Cada criança abandonada na rua é um cidadão perdido para a Pátria”.

O LIVRO DE VISITAS

No gabinete do diretor também vimos o infectível “livro de visitas”.

Naturalmente seríamos convidados a registrar depois nesse livro a impressão que recebemos da casa.

Não gostamos de elogios convencionais e, por isso, fugimos como o diabo da cruz de tais livros de impressões... Por toda parte há sempre muito exagero, muito otimismo do visitante ao escrever sobre as coisas que viu, embora muitas vezes, não sejam elas muito agradáveis.

Talvez escapássemos discretamente, ali, de semelhante constrangimento. Talvez.

Mas o pequeno secretário do diretor, deixando o livro de gravuras que folheava quando entramos no gabinete, pôs-se displicentemente a repassar as páginas do de impressões dos visitantes.

Foi a conta! como diz o homem da rua, e o Sr. Adamastor Pimenta convida-nos, então, com o melhor dos sorrisos, a deixar também, o nosso autógrafa no tal registro de impressões.

Afinal, não havíamos ainda percorrido a casa como poderíamos antecipar impressões?

E o garoto infernal, oferece-nos, muito pressuroso, a pena já molhada mostrando assim conhecer bem o dever de cada visitante.

Não havia outro jeito senão entregar os pontos!

— Neste livro, Sr. Ribeiro, o visitante do Patronato registra apenas a data de sua visita e o nome. Nada mais. Impressão, boa ou má, que receba da casa, essa deve ficar com ele mesmo e não precisa externá-la. Como vê ninguém escreveu que ficou encantado com os nossos serviços...

Claro que concordamos logo com o Sr. Adamastor em... clima, gênero e número!

AS ATIVIDADES DO PATRONATO EM SUAS LINHAS GERAIS

Como o Patronato é agrícola e em seus arredores não vimos lavoura em extensão suficiente que lhe



Outro aspecto da ala esquerda, vendo-se alunos do Patronato em recreio.

justificasse o nome, estranhámos a classificação oficial do estabelecimento.

— Realmente a sua observação é justa, disse-nos o diretor. Nossas atividades, como vai ver, desdobram-se em grande parte em secções internas do estabelecimento que conta com quatro oficinas de ensino profissional de caráter pré-vocacional e com dependências onde se ministra o ensino primário e se dá assistência médica e dentária aos alunos.

— Por que ensino pré-vocacional?

— Pré-vocacional, sim, porque não temos em vista dar aprendizagem definitiva aos meninos. Procuramos, primeiro, vêr a tendência de cada um dêles, suas inclinações, sua vocação, enfim, para esta ou aquela profissão. Assim pois, êsse ensino não chega a ser completo, mas suficiente para revelar o pendor do menor para uma futura profissão. Na oficina de sapateiro, por exemplo, não encontrará o senhor uma verdadeira fábrica de calçados, mas apenas uma série de bancas de re-

paração, reconstituição e conservação de calçados dos próprios alunos. Não quer isso dizer que lá não haja um ou outro par de calçados fabricado pelos alunos, à guisa de demonstração de suas habilidades. Aliás, devo dizer-lhe que não nos conviria, absolutamente, tomar todo o tempo dos aprendizes em fabricação de calçados. E, se o fizéssemos, como depois arranjaríamos tempo para dar-lhes instrução primária, exercícios físicos, etc. e muitas outras atividades que as crianças precisam ter num regimen de internação? Reflita um pouco e o senhor há de verificar que êste nosso sistema de ensinar e educar só pode ser resultado de observações muito exatas, feitas na direção do estabelecimento. Na alfaiataria, na serralheria e na carpintaria seguimos a mesma norma de trabalho da sapataria sempre preocupados com a distribuição equilibrada do tempo de cada aluno na sua vida diária na casa.

E o Sr. Adamastor Pimenta assim prosseguiu:

— Mas voltemos ao ponto inicial de suas observações relativas aos serviços agrícolas do estabelecimento, os quais o senhor supôs fossem mais desenvolvidos. Logo de início, quando se fundou o Patronato, pensou-se de fato em dar-lhe cunho de verdadeiro centro de ensino agrícola e com programa capaz de influir na renovação da lavoura das cercanias do estabelecimento. Pelo regulamento dos patronatos agrícolas, baixado em julho de 1919, esses estabelecimentos deveriam realmente dedicar-se à cultura de plantas industriais, horticultura e jardinocultura; pomicultura; pecuária e indústria animal. E até se falava em empregar máquinas de lavoura aos produtores locais. No fim de pouco tempo, porém, chegou-se à conclusão de que tal programa era um pouco forte, ou melhor, tinha qualquer coisa de maravilhoso... E aqui, nesta antiga Chácara do Mayrink, ponto de repouso das primeiras levas de aquáticos de Caxambu, observou-se que as terras não se prestavam, afinal, à formação de semelhante centro de irradiação de ensinamentos da prática da moderna lavoura. Resolveu-se, portanto, restringir nossas atividades agrárias e como já disse, proporcionar aos internados conhecimentos outros, capazes de encaminhá-los com segurança para vários outros setores de atividade, conforme suas próprias inclinações. E, em consequência das observações feitas, resolveu o S.A.M., em colaboração com o D.A.S.P. e a Comissão de Eficiência do Ministério da Justiça, elaborar um ante-projeto do novo regulamento para este Patronato. Não lhe vou ler todo esse trabalho, no qual fui ouvido pelos técnicos quando o elaboravam. Em suas linhas gerais, pode dizer-se que foi refundido inteiramente o regulamento dos Patronatos, o que importa dizer, o nosso próprio regulamento. O ensino pré-vocacional, que só estávamos ministrando aqui, passou a constar de forma taxativa no referido ante-projeto, que espero ver convertido em lei. Ficará assim bem definida a finalidade deste Patronato, conforme se lê no art. 1.º do ante-projeto, isto é ajustar menores desvalidos, ministrando-lhes, de acordo com as normas expedidas pelo S.A.M., educação e ensino geral primário paralelamente a uma ligeira iniciação profissional que sirva de base a ulterior ensino mais desenvolvido. Vamos ter mais uma oficina pelo novo regulamento e que é de

grande interesse para as crianças: a de encadernação e douração.

— E as atuais oficinas do Patronato são muito antigas?

— Existem desde 1918, com a finalidade de auxiliares de trabalhos de campo, como a Serralheria, a Selaria, que se transformou depois em sapataria, e a Carpintaria. Já a Alfaiataria foi criada em minha administração. Todas elas se têm desenvolvido desde que estou aqui; mas — é claro — sem se afastarem daquela rotina a que já me referi: a de realização do ensino pré-vocacional. Aham-se dotadas de suficientes e modernos recursos mecânicos e chefiadas por mestres competentes, selecionados entre os melhores elementos da zona.

— E como se fez essa seleção?

— Os novos mestres, eu os escolhi observando-lhes discretamente o trabalho realizado fora, informando-me também — e isso era indispensável — de sua conduta moral, cuidado de que não me afasto, pois tenho sempre a preocupação de manter elevado o nível de disciplina na casa. Quanto aos mestres antigos só me restam dois, que vieram de administrações anteriores e são, como os novos, também excelentes elementos.

Passamos em seguida a visitar todas as dependências do Patronato. Do Gabinete do Diretor fomos levados à

SECRETARIA

Tem boa instalação. O secretário é a senhorita Carmen Lúcia, que tem a seu lado dois funcionários.

O menor quando chega do Rio de Janeiro é levado primeiro à presença do Diretor e depois conduzido à Secretaria. Ali recebe o "número de matrícula" de uso interno e é identificado. Em seguida, a Secretaria faz comunicação de sua matrícula às diversas seções do Patronato. Todos os papéis que entram na casa passam primeiro pela Secretaria, onde são registrados e dispostos em forma de processo, devidamente fichado. Tem ela a tarefa ainda de manter correspondência com os pais ou responsáveis dos alunos, expedindo-lhes cartas e encaminhando a correspondência recebida, com a colaboração da Seção Educativa.

Duas vezes por mês o internado pode escrever à sua família, e mais vezes quando necessário ou em caso de urgência.

Da Secretaria passamos à

SECÇÃO EDUCATIVA

Bem ao lado do Gabinete do Diretor, funciona a Secção Educativa, a cargo da senhorita Esmeralda Conceição de Oliveira, técnico de educação, formada pela Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Antes de concluir seu curso já se dedicava a trabalhos com menores em Patronatos e nesse encargo serviu durante oito anos na Escola Agrícola Adelaide Andrade, em Rio Branco, Minas.

Vamos agora mostrar como trabalha essa técnica no Patronato.

O menor, depois de passar pelo Gabinete do Diretor e pela Secretaria, é levado à Secção Educativa e acompanhado da respectiva ficha, trazida

da sede do Serviço de Assistência a Menores no Rio.

Procuramos ver uma dessas fichas, que permite logo de início aferir-se das possibilidades do menor no estabelecimento. Não é nada complicada essa ficha. Tráz o essencial para fazer-se êsse julgamento. E' claro que posteriormente o menor vai ser observado mais de perto no seu comportamento no Patronato. Nesse caso, fazem-se apenas, em livro adequado, outras anotações que forem merecedoras realmente de registro especial.

Damos em seguida a reprodução de uma ficha elaborada na sede do Serviço de Assistência a Menores no Rio:

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA A MENORES

Rio de Janeiro, D.F.

CONCLUSÃO

Registro geral: (omitiu-se o n.º) Idade: 7.^a Cor: branca.
Nome: (idem o nome)



Vista externa da ala esquerda da sede do Patronato, defrontando a pequena praça de esportes.

Nacionalidade: Est. do Rio

Procedência: S.A.M.

História: Internado por falta de recursos.

Internação: 27-5-942

Diagnóstico: 1) Roentgen: hilos pulmonares acen-
tuados.

2) Numerosos ovos de *Áscaris lumbricoides* e *Trichuris trichiura*.

3) Sangue: R. Kahn — negativa.

4) Bronquite. Impetigo no couro cabeludo.

5) Desvio do septo.

6) 5 cáries dentárias.

7) Inteligência sub-normal: Limite do normal. Idade mental: 6,1. Quociente Intelectual: 82. Analfabeto. Teste A.B.C.: nível de maturidade: 7 pontos (inferior) Ensino escolar comum, improficuo: falta de percepção e controle motor.

Indicações: 1) Cálcio vitaminoterapia.
2) Vermífugo.
3) Tratamento dermatológico.
4) " da bronquite.
5) " dentário.
6) Deverá cursar classe pré-primária. E' preciso que se exercite em trabalhos manuais: recorte de papel, cartolina, lixa e madeira. Modelagem.

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1944.

Terapêutica efetuada:

Apendicectomia feita no S.A.M.

Vac. anti-tífica feita na Escola João Luiz Alves.

Mas, prossigamos:

Lida a ficha do menor a Secção Educativa encaminhá-o à classe na qual ele deverá ingressar, conforme consta do referido documento, e sempre o designando para grupo de menores do mesmo nível mental e idade cronológica.

— Por que idade cronológica? perguntamos à senhorita Esmeralda Oliveira.

— Tomamos em consideração, em primeiro lugar, idade mental de cada aluno, isto é verificamos se realmente sua idade própria — a cronológica — corresponde à mental, que nos revela seu desenvolvimento e possibilidades de aprendizagem. Um menino de 12 anos pode, mentalmente, ter apenas sete, como aliás, já observamos. Posso até citar-lhe um caso bem frisante desse retardamento:

o de um menor de dez anos, cujo nível mental é de uma criança de três!

— Também deve haver casos opostos, de crianças com grande desenvolvimento mental...

— Não há dúvida. Há casos assim como o senhor supõe, mas bem raros em meio de crianças abandonadas. A observação é fácil de fazer-se, até certo ponto. E' claro que se o observador é um leigo em psicologia não lhe é fácil determinar com certa precisão o grau de precocidade da inteligência do menor.

— E aqui já se têm verificado esses casos?

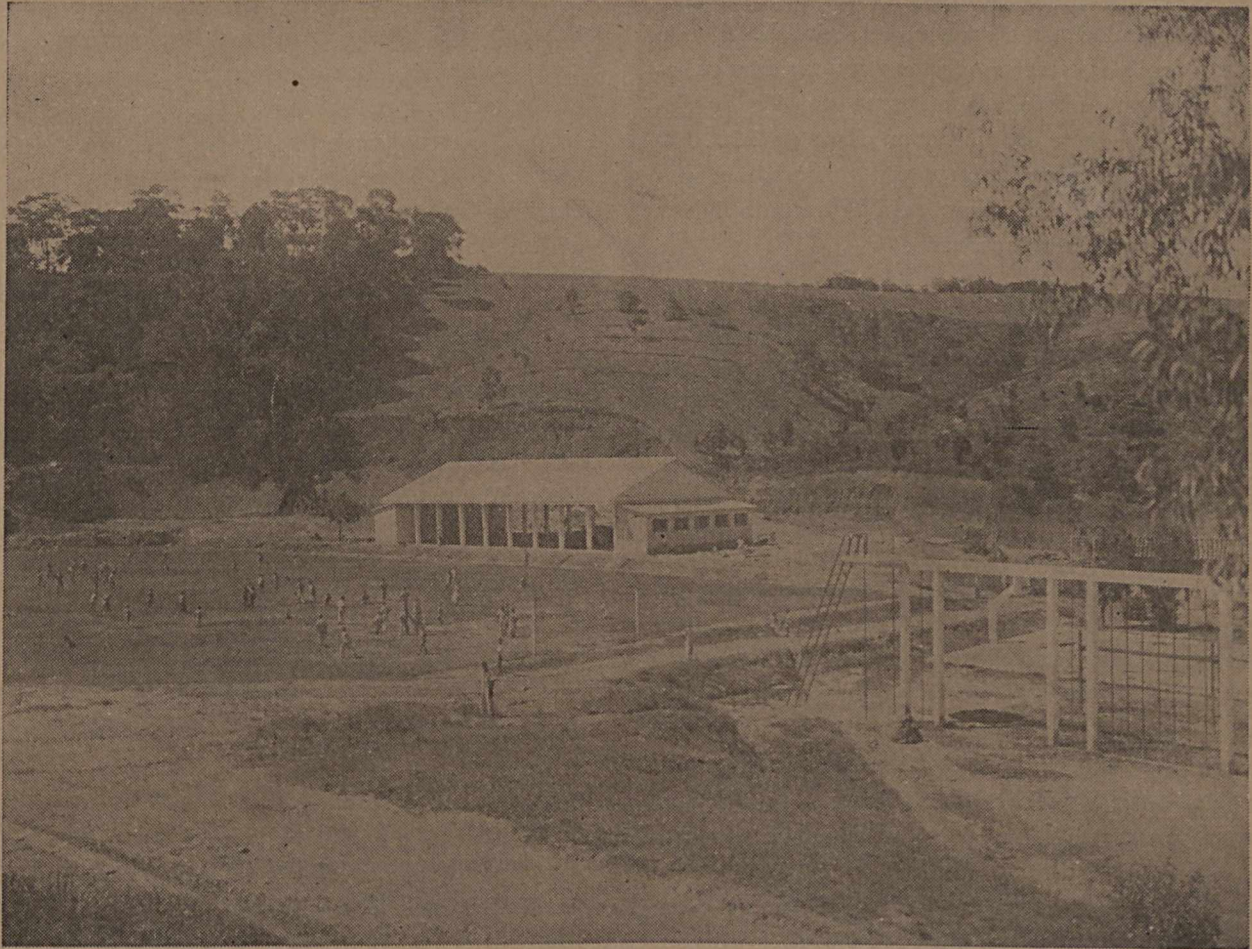
— Muito poucos. Em trezentos alunos já verificamos uns dez. Como vê é insignificante essa percentagem.

— A que atribui essa percentagem tão baixa assim?

— A várias causas, algumas, aliás, bem complexas. Mas, em linhas gerais são fatores decisivos a hereditariedade, o meio social, a alimentação, etc. Ainda há pouco tempo uma colega minha, a técnica de educação Glória Quintela, funcionária do Serviço de Assistência a Menores, procedeu a uma série de pesquisas confrontando os mesmos testes de inteligência aplicados nos alunos do Instituto La-Fayette com os utilizados no S.A.M. E o senhor sabe qual foi o resultado? Os garotos do S.A.M., na sua maioria, mostraram-se, ao lado dos daquele Instituto abaixo do nível normal. Aí está um exemplo de quanto é importante o fator "nível-social".

— Além do trabalho de encaminhamento de cada menor à sua classe inicial tem a senhora outras tarefas no Patronato?

— Oriento o ensino primário, isto é, procuro fazer que o mesmo siga o programa oficial do S.A.M., orientando também os professores na nova metodologia das diversas disciplinas em reuniões realizadas aos sábados, e ainda acompanhando os trabalhos desses professores nas classes. Devo dizer-lhe que nunca encontrei qualquer resistência ou embaraço a essa orientação. E' bem verdade que também contei sempre com o decisivo apoio do diretor. Atualmente, no início de cada mês, são distribuídas às classes as diversas atividades, e no fim é feito um teste, previamente organizado, com o fito de apurar se os esforços dos professores foram devidamente correspondidos.



Vista da praça de esportes, com moderno ginásio construído recentemente e dotado de várias dependências e aparelhos destinados à prática de diversos esportes. À esquerda, parte da floresta que emoldura o sítio onde funciona o Patronato. À direita, trechos da área já cultivada pelos próprios menores.

SERVIÇOS MÉDICOS E DENTÁRIOS

Íamos agora vê de perto serviços da casa destinados a dar assistência médica e dentária a menores que, antes, nos morro nas lúgubres favelas do Rio, nunca tiveram o menor vestígio de tratamento, vivendo ao “Deus dará”, largados à toa nas próprias residências-barracões sórdidos, ou infectas casas de cômodos, ou peor ainda — sôltos pelas ruas, a dormir nos bancos dos jardins, à entrada dos grandes edifícios, já brutalizados pelas conseqüências da miséria. E’ possível que nem todos os meninos do Patronato tenham tido vida pregressa tão má e hajam escapado ainda em tempo de tais sofrimentos. E’ possível. Mas de um modo geral a maioria deles sofreu muito, e num país que se gaba de ter a mais adeantada legislação de proteção à infância abandonada! Sim, porque, somos sempre brilhantes, brilhantismos nos debates sôbre assuntos de assistência social e muito

avancados no preparo das leis e regulamentos que lhe são atinentes.

Como redator, a serviço de um grande jornal como o *Correio da Manhã*, conhecemos intimamente os refolhos torturantes dessa miséria e o esplendor estonteante da erudição e retórica dos congressos a que comparecemos para debater brilhantes teses sôbre a moderna assistência a menores pobres e transviados no Brasil e em todo o mundo. E quando são realmente estudiosos e competentes no assunto os nossos congressistas, ainda bem! Aproveita-se alguma coisa dos debates e discussões. O diabo é a concorrência dos pseudo-especialistas, que só servem para atrapalhar, confundir, perturbar estudos sérios para solução de um problema importante, como é realmente êsse de proteção às crianças pobres. Dizem que um desses “beneméritos” já se tornou notável só por ser hábil e esperto em apanhá-las na rua e, depois, como não

tem onde abrigá-las, solta-as de novo... Mas a fita espetacular, de sensação, foi feita... E não falta jornal para fixar em belas gravuras essa curiosa assistência a infelizes menores do Rio de Janeiro, cidade onde se diz haver cerca de 250.000 garotos carecedores de proteção dos poderes públicos! E' o que temos lido, sem, entretanto, haver estatísticas que o comprovem.

Bem, não vale a pena mexer muito em estatísticas e nos "beneméritos". Ainda outro dia, um apaixonado sincero da questão, homem estudioso e de valor, divulgava que só na capital de S. Paulo há cerca de 80.000 menores à espera de assistência, de educação de amparo moral. Oitenta mil! numa cidade rica e próspera — o maior parque industrial da América do Sul!

O Patronato de Menores de Caxambu, pela apresentação de seus alunos, vistos mesmo cá fora na rua e antes de lhes conhecermos a vida de internação, mostra-nos logo que é possível sairmos dos sonhos e projetos mirabolantes e darmos assistência real aos meninos pobres e transviados, não em parcela insignificante como se observa no Rio de Janeiro e em S. Paulo, mas extensiva a cada Estado do Brasil, fundando-se estabelecimentos como o de Caxambu servidos por técnicos e funcionários integrados perfeitamente na nobre função que se lhes atribui. Esta última condição talvez seja a mais difícil de ser preenchida. Instalações vistosas e bonitas não bastam.

*

* *

No Gabinete Médico conversamos com o Dr. Francisco Viotti, com quem falamos um pouco sobre a assistência médica aos meninos, conforme tratamento indicado na ficha elaborada no Rio e à qual já aludimos linhas atrás. O que se encontra registrado com frequência nessas fichas é isto: desnutrição, verminosa, sífilis congênita, etc. Também aludem a meninos retardados, débeis mentais e sub-normais.

Imagine o leitor crianças assim portadoras de tantos males soltas, à toa, numa grande cidade como o Rio, e sem qualquer tratamento... E como aquelas enviadas para Caxambu há milhares e milhares nos bairros pobres da capital do país e por certo no Brasil inteiro.

Todo o mundo sabe como foi difícil a seleção dos expedicionários brasileiros aos campos de batalha na Itália. Em cada grupo de quatro voluntários eram rejeitados três. As observações então feitas não foram nada lisongeiras à higidez de nossa gente. E a propósito, que fim levou o "Dia da Raça"? Como gostávamos de ver os nossos atletas a desfilar garbosos pela Avenida do Branco!

*

* *

Percorremos as duas enfermarias do Patronato. Numa delas vimos dez meninos a olhar-nos muito curiosos e um pouco tristes. Naturalmente "fizeram alguma" e estavam ali de castigo.

O Sr. Adamastor Pimenta, virando-se para um deles, o Pedrinho, disse-lhe com um sorriso de animação:

— E' preciso esperar. Só logo à tarde é que vocês poderão comer alguma coisa.

— Estão de purgante?

— Não. Tomaram pela manhã arsênico por via intravenosa para tratamento anti-sifilítico. Não nos descuidamos desse tratamento, e o Dr. Viotti aplica-o com intervalo em grupos de dez ou doze meninos.

De forma inesperada verificamos que o Serviço Médico não era decorativo na casa. Estava em pleno funcionamento. No gabinete dentário um criolinho tratava dos dentes. O dentista era o Dr. Odilon Dias Leite, rapaz muito simpático, que cumprimentamos com satisfação. Não lhe quisemos tomar o tempo pedindo-lhe informações que o próprio diretor nos poderia prestar.

— Como viu só estava lá um "cliente". Não temos sala de espera junto do Gabinete Dentário. Quando um garoto deixa a cadeira do dentista, outro já destacado pela ficha é chamado onde estiver para tratar dos dentes. E se o senhor visse como eles chegam aqui ao Patronato! Com a boca em petição de miséria! E sabe de uma coisa? Tenho observado que esses meninos são muito resistentes à dor, ao sofrimento. Às vezes, estão com febre e nem parece! Não ligam à doença. Vêm para cá de tal forma brutalizados pela miséria e pelo sofrimento que nada receiam, não se incomodam se tiverem de extrair um dente ou sofrer um curativo doloroso. O Dr. Viotti e o dentista comparecem diariamente ao Patronato e

trabalham de fato, como o senhor viu. A princípio os meninos acham que é "palpite" tomar banho e escovar os dentes diariamente, mas depois são eles que esperam ansiosamente pela hora do chuveiro frio ou do banho morno.

— Do banho morno?

— Sim, do banho morno, para aqueles que o Serviço Médico prescreve, conforme seu estado de saúde.

Passamos em seguida pelo laboratório de análises clínicas e compartimento onde se encontra o Raio X.

TAXA DE HEMOGLOBINA DOS ALUNOS

O Sr. Adamastor Pimenta disse-nos que o Patronato receberá há dias a visita do Dr. Roberto Luiz Pimenta de Melo, do Instituto Oswaldo Cruz, desta Capital, que fez ali o levantamento da taxa de hemoglobina de todos os alunos do estabeleci-

mento. E quando nos deu essa informação acrescentou:

— Não preciso encarecer esse belo serviço prestado espontaneamente por esse médico, que apurou ser ótima a taxa de hemoglobina dos nossos meninos. Como sabe, isso é índice bem expressivo de que a alimentação é boa. A excelente contribuição do Dr. Pimenta de Melo será comprovada mais uma vez com a sua volta ao Patronato, já prometida, a fim de saber o resultado da aplicação da terapêutica específica para as crianças, aliás poucas, que acusaram baixo nível de hemoglobina. A ração alimentar dos alunos é dada com calorias suficientemente ricas em vitaminas ainda de acordo com as prescrições do S.A.M. Os meninos todos os anos são vacinados contra o tifo e suas fezes examinadas periodicamente.

— Bem, mas o senhor nota, dentro de poucos dias, melhora de saúde e de apresentação do aluno depois de sua chegada do Rio?



Na alfaiataria, os uniformes são confeccionados pelos próprios alunos do Patronato.

— Também assim tão depressa, não! Em poucos dias não é possível observar melhoras em crianças portadores dos terríveis efeitos da desnutrição, da verminose, da sífilis, etc. Mas posso assegurar que dentro de dois ou três meses se verifica que a disposição de cada menino é bem outra.

Observe o leitor esta resposta. Falamos em *poucos dias* de propósito, a vêr se havia confirmação. E o diretor Dr. Adamastor Pimenta foi, afinal, razoável.

Passamos depois para um secção pequena a cargo de um aluno. E' ela a de guarda escovas de dentes dos meninos, tôdas dependuradas em lugares numerados — com o número de aluno que a usa — e a regular distância uma da outra.

Nessa ocasião o diretor deu-nos algumas informações sôbre as melhores escovas para uso dos meninos e os defeitos destas ou daquelas, conforme observação feita de vez em quando.

NÚMEROS EXPRESSIVOS

Já nos sentíamos um pouco cansados e voltamos ao Gabinete do Diretor, onde nos foram mostradas algumas fichas de registro. Passaríamos no dia seguinte pelo Patronato, dissemos-lhe então, para ver os trabalhos das oficinas, o campo de esporte, as plantações etc.

— Não quiz interromper o trabalho do médico e do dentista quando o senhor passou pelos seu gabinetes, e agora posso dizer o que têm êles realizado aqui no Patronato pelas fichas de assentamentos diários, disse-nos o Sr. Adamastor Pimenta.

TRABALHOS DENTÁRIOS

Exames, 1.221; obturações diversas, 377; restaurações, 77; curativos 1.573; extrações de dentes temporárias, 379 e permanentes, 47.

EXAMES MÉDICOS

Foram feitos em 1944, 1.027 exames médicos e 77 de laboratório. Submeteram-se a tratamento anti-helmíntico 35 menores. Os restantes já o haviam feito há tempos ou recentemente, e os seus exames de fases apressamentavam, agora, resultado negativo.

O tratamento anti-luético, padronizado pelo S.A.M., foi aplicado em 40 menores. Todos os alunos foram vacinados contra a varíola e o tifo.

O movimento das enfermarias foi, em 1944, de 480 entradas e 470 saídas, passando para o ano de 1945 dez doentes. Foram aplicadas 3.099 injeções intramusculares e intra-venosas e feitos 7.317 curativos.

E aqui terminou nossa tarefa no primeiro dia de reportagem, quando também fizemos tirar as fotografias que a ilustram, poucas, é verdade, mas suficientes para dar ao leitor idéia das instalações do Patronato.

Voltamos no dia seguinte, começando a visita pelas

BIBLIOTECAS

O Patronato conta com duas Bibliotecas: uma Infantil, com 1.020 volumes e outra Pedagógica com 200.

A Biblioteca Infantil foi organizada com especial cuidado, tendo-se em vista sua grande influência na formação do caráter dos meninos.

Dava-nos essas informações a técnica Esmeralda Oliveira a quem fizemos esta pergunta indiscreta:

— Mas êsses garotos lêem mesmo?

— Pois não! E muito! Só vendo o interesse com que procuram na Biblioteca os livros de história, e o fazem espontaneamente. Cêrca de noventa meninos a visitam por dia entre 9 e 11 horas e das 13 às 16 horas.

— E os livros, como o Patronato os recebe?

— A biblioteca foi registrada no Instituto Nacional do Livro, lá no Rio, e dêle vem recebendo valiosa contribuição com a remessa de novos livros que hoje poderiam formar conjunto ainda mais apreciável se o registro naquele Instituto tivesse sido feito há mais tempo.

Tivemos dessa forma confirmação dos excelentes serviços do Instituto do Livro que o escritor Augusto Meyer organizou tendo sempre o apoio do ex-Ministro da Educação, Sr. Gustavo Capanema, a quem se deve a criação desse órgão de difusão cultural de que se estão beneficiando tôdas as bibliotecas do país num total que excede de 2.300! Aliás, já tivemos a satisfação de mostrar nesta Revista o esforço a dedicação e a inteli-



Menores na aprendizagem diária na oficina de sapateiro.

gência com que Augusto Meyer se entrega a êsse encargo.

E a senhorita Esmeralda Oliveira assim terminou suas informações sobre as Bibliotecas.

E' bem verdade que as nossas Bibliotecas foram criadas em junho de 1944 e só em 1945 conseguimos maiores recursos orçamentários para sua manutenção. Confiamos no Instituto Nacional do Livro, que há de continuar a enviar ao Patronato, gratuitamente, belos livros para seus alunos.

JORNALISMO

Não é só para a oratória que o brasileiro tem inclinação. Para o jornalismo também. Só quem trabalha num jornal diário é que pode observar essa propensão irresistível do brasileiro para a publicidade. Das "Sociais" ao artigo de fundo, qualquer jornal dispõe, se quizer, de copioso material que o "leitor assíduo" lhe envia diariamente com

prodigalidade. Se o "Correio da Manhã", por exemplo, quizesse, poderia fazer, de repente um número inteiro só com essa colaboração espontânea... Ora, se poderia! Os economistas estão em voga; os economistas e os intérpretes de textos constitucionais. Só êstes formam legião!

*
* *

Em todo colégio interno há sempre um jornalzinho de alunos. Não há mal nisso. Ao contrário. E na biografia dos maiores de nossas letras encontra-se de vez em quando referência a essa inclinação jornalística inofensiva e muitas vezes reveladora de grandes vocações. E' possível que Nuno de Andrade, Carlos de Laet, Alcindo Guanabara, Rochinha e outros jornalistas de renome, que tanto fulgor emprestaram à imprensa carioca, tivessem sido, na infância, redatores de jornaisinhos de colégio interno. E' possível. E amanhã, no jor-

nalismo do país, talvez apareça nome de profissional brilhante que tenha sido redator de um dos jornaisinhos do Patronato de Caxambu. Ali, então, é que se vê mesmo acentuada inclinação para a nobre classe dos plúmiferos entre alunos do estabelecimento onde criaram os respeitáveis órgãos "Luz da Estância" e "Gavetinha".

"Luz da Estância" já tem sete anos de existência. Em Passa Quatro, cidade mineira no caminho para Caxambu, há outro Patronato do S.A.M., o "Campos Sales" que também dispõe de um jornaisinho. O seu nome sempre é mais pomposo. Chama-se "O Farol da Mantiqueira" (!).

Voltemos à "Luz da Estância". Sua redação é formada por alunos do 4.º ano, que são orientados na função de jornalistas pela técnica Esmeralda Oliveira. A "Luz da Estância" é distribuída a todos os alunos do estabelecimento e às famílias daqueles que as têm, servindo também de elemento de intercâmbio cultural entre o Patronato Agrícola Wenceslau Braz e os demais subordinados ao S.M.A.

Gavetinha, como jornalzinho de meninos, é mais expressivo, até no nome... Sua direção é inteiramente autônoma. Cada notícia ou artigo (!) é sempre encimado por gravura feita a lápis de cor.

GAVETINHA

ANO I

Caxambu, agosto de 1945

N.º 5

Diretor: Guimar C. Freitas | Gerente: João Albino

Observem: o jornalzinho tem até gerente embora não disponha de matéria paga ou anúncios. Vê-se, pois, que João Albino já revela inclinação para o jornalismo prático e... rendoso.

João Albino! Guardem bem esse nome.

Agora, vamos transcrever uma crônica encimada por um desenho de um hipopótamo que, por sinal, está bem desenhado:

"Eu fui numa floresta muito longe e vi um hipopótamo muito grande. Eu tive muito medo e fugi. O hipopótamo teve que atravessar a água. Eu matei o hipopótamo.

Carlos Zelin"

Esse colaborador de *Gavetinha* tem 10 anos e é retardado pedagógico. Deveria estar no 3.º ano e,

no entanto, ainda se acha no 1.º. Não indagamos a causa dêsse atraso.

NA SECÇÃO DE DISCIPLINA

Mantém o Patronato, na Secção de Disciplina, um corpo de inspetores composto de 18 funcionários, orientados pelo inspetor Newton de Oliveira Júnior, que obteve êsse lugar mediante concurso realizado no Rio pelo D.A.S.P.

Falamos ao Sr. Newton de Oliveira visando obter algumas notas sobre a conduta dos menores na casa. Naturalmente teria êle ensejo de contar-nos coisas interessantes observadas na tarefa diária de lidar com três centenas de garotos, pobres meninos procedentes das favelas cariocas, dos subúrbios, de meios falhos de recursos, de gente que vive mal, à margem da sociedade.

Nem todos olham com simpatia o garoto da rua... Além de desprezados são êles mal vistos e até mesmo temidos.

E o Sr. Newton de Oliveira, em resposta a essa nossa observação, disse-nos:

— Realmente é o que se observa nos grandes centros como Rio e São Paulo. Entretanto, não há como considerar-se injusta essa prevenção. Tudo está em saber tratá-los. Não são absolutamente rebeldes à disciplina, às boas maneiras, à cordialidade. A questão, como já disse, é saber lidar com êles. Quanto à forma de educar o menino no estabelecimento, devo dizer-lhe que nosso programa se baseia numa disciplina preventiva. Procuramos em vez de corrigir faltas, evitá-las simplesmente. Como vê, é o ovo de Colombo... O inspetor não se aproxima do aluno só para censurá-lo, corrigir-lhe um deslize de momento. Está êle sempre preocupado em manter contacto constante com os seus jurisdicionados sem contudo, constrangê-los com sua presença. Conversamos com êles, deixamos que nos falem à vontade, permitindo que nos revelem seu caráter, seus sentimentos, suas inclinações. E quantas vezes até os próprios inspetores participam dos jogos infantis! Não imagina o senhor o resultado dêssa conduta: uma "pessoa grande" fazendo-se de criança desperta realmente, com sua companhia, a confiança dos menores e os estimula à conduta honesta e boa nas menores coisas. E assim, consegue-se educar, brincando... Nada de opressão, nada de rigorismos. E, à primeira vista, há de parecer que os inspetores com semelhante con-

duta não "fazem força" alguma... O que parece aos menores ter sido feito com naturalidade é entretanto, produto de muito controle, paciência e por que não dizer? — habilidade!

— E não há muitas vezes necessidade de castigá-los?

— O senhor queria desculpar-nos: o verbo castigar é um pouco forte... Temos muito cuidado em não falar aqui em castigos e muito menos em pô-los em prática e, sobretudo, com a apresentação que o senhor talvez imagina. Melhor será dar-lhe um exemplo: um menor comete uma falta grave. O inspetor põe-no sentado, isolado. O recreio continua. Outro menor também sai da disciplina e a segregação dos outros é a mesma. E assim, enquanto eles permanecem ao lado do inspetor, longe, dos outros, não ficam proibidos de falar, de conversar. O senhor há de ter visto os nossos meninos em passeio pela cidade, andando livremente. Aí está uma concessão que lhes fazemos aos domingos e feriados. A conduta desses meninos é muito boa e em seus passeios não andam isoladamente. Observam-se grupos de três e quatro a procurar os pontos mais atraentes do lugar sem se entregar absolutamente a excessos. Ao contrário, aqui dentro é que eles se portam com mais desenvoltura... Estão em suas casa.

— Entre os meninos não há imbecis retardados, idiotas, etc.?

— Há, mas são poucos. São tratados de forma especial. E, coisa interessante, não nos dão trabalho quanto à disciplina! São geralmente obedientes e procuram sempre aproximar-se dos funcionários da casa. E, afinal, prestam à administração serviços interessantes com essa preferência: revelam eles sempre predileção pelos funcionários mais atenciosos, afetivos e tolerantes. E dentro desse conjunto de qualidades não se pode dizer que não tenham os inspetores, por exemplo, energia suficiente...

— Os anormais não brigam muito com os normais?

— Não. Mesmo porque os anormais atraem-se mutuamente e quando se metem entre normais estes são tolerantes para eles, distraindo-se em observá-los de perto e ouvi-los com atenção.

Um pormenor interessante: os próprios alunos fiscalizam-se mutuamente. Costumamos valer-nos da colaboração dos alunos de bom comportamento

nos trabalhos de inspeção, sem que eles possam assumir, por sua vez, atitude de mando, que poderia irritar os colegas. Haveria, nesse caso, certa competição. O próprio diretor não segrega os seus filhos do convívio dos alunos do estabelecimento. Isso é bem uma prova do nível apreciável da disciplina aqui reinante.

COMO OS MENINOS SÃO AGRUPADOS

No Patronato os meninos são distribuídos, como nos havia já dito a professora Esmeralda Oliveira, em grupos de 38, denominados pelotões. Assim, pois, lá estão constituídos 8 pelotões, conforme a altura dos alunos que vai de 1,07 a 1,74.

— 1,74? Tão alto assim?

— Também é um só, o Antônio Soares Dias, de 17 anos de idade e aluno de ótima conduta. Presta-nos bons serviços trabalhando na cozinha.

— Por que 38 alunos em cada pelotão?

— Por motivo muito simples: facilidade de direção e fiscalização. O pelotão numeroso nos dificultaria a tarefa educacional. Os meninos idiotas e imbecis não participam desses pelotões. Formam grupo à parte. Visou-se com a criação dos pelotões a distribuição dos meninos levando-se em conta apenas a altura que geralmente coincide com a idade. Aliás, é preciso salientar que a existência de pelotões não implica na existência de regimem militar. O pelotão nada tem de comum com as classes primárias, nem com a aprendizagem nas oficinas. Em qualquer delas se encontram alunos dos diversos pelotões, como também nas 12 classes diferentes.

— Disse classes diferentes?

— Sim, são doze as classes em que se divide o nosso ensino primário; ministrado em quatro anos, inclusive a classe pre-primária, constituída de menores que não têm a maturidade mental necessária para a primeira série. Pelo novo programa elaborado pelo S.A.M. o curso primário se estendeu até ao 5.º ano. Agora cada classe é formada de 30 alunos, no máximo. Visa-se, com isso, obediência aos modernos preceitos pedagógicos.

OBRAS NO PATRONATO

Como dissemos acima, o Patronato tem tido ampliação de seus serviços, que exigem instalação adequada.

A Divisão de Obras do Ministério da Justiça antes mesmo da criação do Serviço de Assistência a Menores, realizou no estabelecimento várias obras de ampliação de suas instalações, sendo de destacar a terminação do edifício principal (frente) e remodelação da cozinha, construção de uma varanda ligando a ala da direita à da esquerda e servindo ao dormitório coletivo. Reformaram-se as instalações sanitárias e iniciou-se a construção da varanda-recreio, que hoje serve internamente às quatro alas do edifício, formando amplo e imenso retângulo.

Disse-nos o Sr. Adamastor Pimenta que essas obras se devem àquela divisão do Ministério da Justiça e à iniciativa do ex-juiz de Menores, Dr. Saul de Gusmão.

Criado o Serviço de Assistência a Menores, mais tarde, o seu diretor, Dr. Milton de Alencar verificou que ainda se tornava imperioso prosseguir na execução do plano inicial. Assim é que foram feitas estas instalações: residência do diretor; sala e escritório do almoxarifado; novas salas de aulas; centro hospitalar; dois dormitórios no 1.º pavimento; ampliação do salão do refeitório, com revestimentos de azulejos e no qual podem ser dadas de uma só vez 200 refeições; terraplenagem e construção do campo de esportes, compreendendo pista de corrida, campo de foot-boll, de volley-ball e basket; ginásio coberto com instalações para médico e instrutor, dispondo de vários banheiros, sanitários e sala para aparelhos de ginástica; construção de possilga para 40 porcos de engorda e outras instalações para criação. Todas essas construções já se acham concluídas. Tiramos algumas fotografias das mesmas, que ilustram esta reportagem.

Melhor será reportarmo-nos à área inicial construída até 1930, que era de 1.357 m² e à de hoje, que já atingiu 15.972 m². Só esses dois dados numéricos bastam para dar ao leitor impressão exata do desenvolvimento que tem tido o Patronato. E, como ali não há absolutamente a ausência de "espaço vital", há margem para que ainda mais se desenvolvam as construções locais, desde que o movimento do Patronato o exija. Não há absolutamente necessidade de desapropriação de área em redor, pois que a atual é de quatro alqueires, suficiente, aliás, para a finalidade do educandário.

MOVIMENTO DO PATRONATO

Desde sua fundação vem anualmente aumentando o movimento dos alunos no Patronato cujas instalação tiveram por sua vez ampliações sucessivas, de forma que hoje sua lotação se acha fixada em trescentos menores enquanto que em 1918 ano da fundação, era apenas de 120, continuando assim até 1939. Dêsse ano em diante é este o movimento:

1939	120
1940	136
1941	136
1942	230
1943	234
1944	310
1945	301

ALIMENTAÇÃO

Em média a alimentação de cada aluno por dia ficou no ano passado em 3 ½ cruzeiros.

VERBAS

Pessoal	551.000,00	cruzeiros
Material	871.000,00	"
Alimentação	420.000,00	cruzeiros
Matérias primas	58.000,00	"
Produtos químicos	35.000,00	"
Vestuário	240.000,00	"
Artigos de asseio	33.000,00	"

NA ALFAIATARIA

Quando visitamos a Alfaiataria ali trabalhavam 10 menores, todos ocupando as máquinas de costura da oficina, umas movidas a motor elétrico e outras a pé.

O mestre, Sr. Reynaldo Toledo, disse-nos que o ano passado o valor da mão de obra da oficina foi de 32.000 cruzeiros, resultado da produção dos próprios aprendizes.

Não precisamos encarecer o valor econômico e educativo dessa oficina, pois basta que se saiba ter ela confeccionado todo o enxoval dos alunos do estabelecimento. Fêz mais: confeccionou 300 pijamas de lã para a Legião Brasileira de Assistência.

cia em Caxambu. Cada aluno usa 5 uniformes por ano. O Patronato gastou em 1944, com a aquisição de tecidos em geral, roupas de cama, etc. 175.000 cruzeiros. O mestre da oficina cortã as peças dos uniformes e os alunos costuram.

— E os meninos demoram muito a aprender a costurar?

— Não. A aprendizagem é rápida para aqueles que têm realmente inclinação para o ofício, disseram o mestre Reynaldo Toledo.

Vimos “macacões” feitos pelos alunos e uniformes de passeio, todos de brim kãki e com as iniciais bordadas “SAM”.

NA SAPATARIA

O mestre José Bueno tinha à sua frente 23 meninos entregues à tarefa de remendar calçado nas suas bancas, dispostas em filas paralelas.

Trabalham ali duas turmas de aprendizes num total de 40. Não permanecem na oficina o dia todo, pois precisam freqüentar aulas, fazer exercícios físicos, recreiar, etc. Por isso, o trabalho é realizado durante duas horas na parte da manhã e duas na da tarde. Esse regime é seguido nas demais oficinas.

NA FERRARIA E NA CARPINTARIA

Nessas duas oficinas não era menor a atividade dos alunos do Patronato que nelas fazem aprendizagem. A produção muito elevada e magnífica a disposição dos meninos. Se em vez de reportagem, este nosso trabalho fôsse um filme de certo que se poderia apreciar melhor o ambiente de todas as oficinas do Patronato.

SERVIÇOS AGRÍCOLAS

Os serviços agrícolas, que compreendem os de jardinagem, horta e pequena lavoura de mandioca, milho e feijão, são realizados sob a orientação de um auxiliar de agrônomo. Conta o Patronato com um interessante Clube Agrícola que superintende todas as atividades do campo, inclusive a criação de porcos para engorda, um colmeal e, dentro em pouco, completo aviário, para abastecer o estabelecimento. E, por sinal que será instalado em local muito pitoresco: a ilha dos Amores da antiga Chácara Mayrink, ponto de reunião noutros tempos dos veranistas de Caxambu.

FECHANDO ESTA REPORTAGEM

Não perdemos nossos dias de férias em Caxambu trabalhando um pouco pela divulgação de interessante obra de assistência social que pode ser tomada como excelente modelo para outras a se fundarem no país.

Não vimos no Patronato Agrícola Wenceslau Braz só instalação boa e confortável para os seus internados, mas, sobretudo, escolhida equipe de professores, mestres e funcionários, todos muito bem orientados por um homem profundamente bom, humano e compreensivo, que no trato diário com crianças trabalhadas por vicissitudes de toda natureza, sabe compreendê-las, sabe tratá-las e sabe transformá-las em gente capaz de ser mais tarde operosa e eficiente na sociedade.

Só peço ao paciente leitor desta longa reportagem que guarde com simpatia o nome do reformador daquele punhado de pobres meninos: o professor Adamastor de Moura Pimenta.